

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME IV*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1965

## DE MINIMIS...

(*Nótulas várias de Epigrafia*)

«*Nihil novum sed nove*».

### I

#### ACERCA DA TRADUÇÃO DE UMA FÓRMULA DE INSCRIÇÕES FUNERÁRIAS

Não raro se verifica, entre estudiosos portugueses, uma certa hesitação na tradução da fórmula *S.T.T.L.* (*sit tibi terra levis*) — que por vezes aparece por extenso, como no epitáfio de Júlio Estatuto, de Tarragona (cit. por Sebastián Mariné Bigorra ñas *Inscriptiones Hispanas en Verso*, pp. 214-215) — de algumas inscrições funerárias, a qual, contendo uma forma pronominal da 2.<sup>a</sup> pessoa (*tibi*), é interpretada como se contivesse uma da 3.<sup>a</sup>: «...que a terra lhe seja leve.» (cf., p.e., D. Fernando de Almeida, *Ruínas de Miróbriga dos Célticos*, p. 15, epitáfio de Gaio Pórcio Severo).

Parece, à primeira vista, que tal sentido se harmonizaria melhor com o estilo indirecto de tais textos, mas a verdade é que a própria Epigrafia nos esclarece que, por vezes, como que se estabelece um verdadeiro diálogo entre o morto e o caminhante: «Tu qui legis ave / / perlegisti vale.» (*apud* Saavedra Machado, *F. Alves Pereira*, p. 25). Textos há em que o diálogo está patente, como neste de Roma (VI 2335), transcrito de Batlle Huguet, p. 214:

«...Have Victor Fabiane! Di vos  
bene faciant, amici, et vos, viatores,  
habeatis deos propitios!...»

Esta espécie de diálogo chega a ser implorada:

«Siste, precor: quaesio, cipum cognosce viator...»  
(Bigorra, *op. laud.*, p. 42).

Portanto, há frases que se pressupõe pronunciadas pelo morto, outras ditas pelo *amicus*, pelo *viator*, pelo *lector* ou pelo *hospes*, enfim, pelo *praeteriens* ou *qui transit*. A fórmula em apreço seria proferida por estes último, como expressamente no-lo indica um texto de Cádiz (II 1821), transcrito também de Batlle Huguet, p. 216:

«Ave / Herennia Crocine / cara sueis, inclusa hoc tumulo./  
Crocine cara sueis; vixi ego / et ante aliae vixere puellae, / iam  
satis est; *lector discedens dicat*: Crocine, sit tibi terra levis. Valete  
superi.»

Mas poderíamos recordar um exemplo mais antigo, qual é o tão conhecido epitáfio de Cláudia (Ernout, *Recueil*, p. 77):

«*Hospes* quod deico paullum est: asta ac pellege.  
Heic est sepulcrum hau pulcrum pulcrae feminae.»

De outros casos, também suficientemente esclarecedores, fala-nos García y Bellido, a p. 603 de *La Peninsula Ibérica* (Madrid, 1953).

Mas não resistimos à tentação de referir aquele exemplo, tão concludente, incluído por Leite de Vasconcelos (ainda e sempre Leite de Vasconcelos) na *Analecta epigraphica Lusitano-Romana* do vol. V, pp. 138-139, *d'O Arch. Port.*, ou seja, a inscrição da quinta da Insoa, em Castendo (Beira Alta):

Tiro G(tf)lli f(i)lius an(norum) XIII h(c) s(itus) e(st). D(ic)  
r(ogo) p(raeteriens): s(it) t(ibi) t(erra) l(evis).

«Tirão, filho de Galo, de 13 anos de idade, está aqui sepultado.  
Tu que passas, dize, eu to peço: Que a terra te seja leve.»

Ou aqueloutro de Itálica, mencionado por Mariné Bigorra, nas já citadas *Inscriptiones Hispanas en Verso*, p. 222:

«te rogo, praeteriens, dicas: sit tibi terra levis.»

E, já agora, não nos parece descabido recordar que o «processo» se mantém pelos séculos fora. Todos estão, por certo, lembrados do famoso epitáfio de Gil Vicente com que encerra a *Copilacam de todas as obras* (Lisboa, 1562) do poeta:

O gram juízo esperando,  
 Jaço aqui, nesta morada;  
 Também da vida cansada,  
 Descansando.

Pregunta-me quem fui eu:  
 Atenta bem para mi  
 Porque tal fui com'a ti  
 E tal hás-de ser com'eu.  
 E, pois tudo a isto vem,  
 Ó *leitor* de meu conselho,  
 Toma-me por teu espelho,  
 Olha-me e olha-te bem.,

que, afinal, se sintetiza na tão conhecida legenda da capela chamada «dos ossos», em Évora: «Nós, ossos, que aqui estamos, pelos vossos esperamos.»

Assim, perante testemunhos tão nítidos, creio que a fórmula *sit tibi terra levis* só poderá traduzir-se no estilo directo: «Que a terra te seja leve» (1).

## II

### NÓTULA ACERCA DE INSCRIÇÕES VOTIVAS SEM O NOME DO DEDICANTE

Relendo, há tempos, as páginas d' *O Archeologo*, no vol. IV, 312-313, encontrei referências a uma inscrição votiva, daquelas em que se pensa

(1) De preferência, parece-nos, a estoutra variante que se lê em Leite de Vasconcelos (*O Arch. Port.*, IX, p. 180): «Seja-te leve a terra.»

não estar expressa qualquer menção do ofertante. Diz o texto, na interpretação de Leite de Vasconcelos:

Iovi O(*ptimó*) M(*aximo*): Y(*otum*) M(*eritó*) A(*nimo*) S(*olvit*).

Isto já parecia um tanto estranho ao saudoso Mestre, pois deixou consignado no mesmo passo o seguinte comentário: «É curioso que a inscrição não tenha o nome do dedicante.»

Pois bem: porque razão se não há-de ler a forma verbal na 1.<sup>a</sup> pessoa? Embora se mantenha o anonimato, permite contudo uma interpretação do texto mais lógica. Digamos até que a natureza da inscrição, o carácter singular de reconhecida consagração à divindade, talvez ajude a explicar o anonimato: é um acto que apenas interessa ao binómio devoto-divindade, do qual está ausente, talvez intencionalmente, o nome do consagrante.

E será necessário recordar exemplos de inscrições com formas verbais na 1.<sup>a</sup> pessoa? Se assim é, então lembremos o pitoresco epítáfio registado por Sebastián Mariné Bigorra, a p. 150 das *Inscriptiones Hispanas en Verso*:

«vixi quem ad modum volui,  
quare mortuus sum nescio.»

Assim, não parece ousado concluir que em inscrições votivas, ou seja, em monumentos divinos (como dizia Leite de Vasconcelos, *A.P.*, VI, p. 133) a sigla ou abreviatura da forma verbal se deverá desenvolver na primeira ou na terceira pessoa consoante está oculta ou expressa a nomeação do consagrante.

## m

### VETTONIA

Folheando há dias um exemplar de uma edição elzeviriana (Amesterdão, 1667) do poeta Aurélio Prudêncio Clemente, «tão cristianíssimo, como doutíssimo na língua latina», encontrei por acaso no Hino III,

vv. 186-187, do *neqi oreyávcov liber* (colectânea de hinos em honra de santos mártires) esta referência que fixei:

Nunc locus Emerita est tumulo  
Clara colonia Vettoniae:

(designa o túmulo de Santa Eulália).

Pouco antes, tinha lido *nº0 Archeologo Português*, vol. VII, pp. 244-245, urna nota de Leite de Vasconcelos acerca de uma inscrição encontrada em Beja e que lhe fora comunicada pelo Sr. Joaquim de Vargas, com o texto seguinte:

*D(iis) M(anibus) S(acrum)*  
*Q(uintus) Cassius Vettonianus Pacensis annor(wm) XXVI.*  
*H(/c) s(itus) Q(sí). S(it) t(ibi) t(erra) 1 (evis).*

Transcrevemos agora de Leite de Vasconcelos:

«O sentido da inscrição é: «Dom aos deuses Manes. Quinto Cassio Vettoniano, de Pax Julia, de 26 annos de idade, está aqui sepultado. A terra te seja leve.» ...

O cognome *Vettonianus* é a primeira vez que aparece numa inscrição da Iberia, ... pelo menos não o vejo citado no vol. II do *Corpus*; mas encontra-se muito espalhado fóra da Península. A inscrição de Beja tem por isso certa importancia. Este cognome deriva de Vetto, directa ou indirectamente: quanto ao modo da formação directa, cfr. *Varronianus*, de Varro; para a formação indirecta, teria de se admittir \**Vettonius*, como nome intermédio, estando para elle *Vettonianus*, na mesma relação em que, por ex., *Scribonianus* está para *Scribonius*. O nome \**Vettonius* nunca o encontrei, todavia podia existir, do mesmo modo que existe *Vasconius*, derivado de Vasco (no plural *Váscones*, povo ibérico). Vetto (no plural *Véttones*, nome de outro povo ibérico) aparece com frequência nas inscrições da Península, tanto em Portugal, como na Hespanha.» (1)

(1) Leite de Vasconcelos refere-se ainda, mais tarde, a pp. 236 do vol. VIII d 'O *Arch.*, ao topónimo *Vettonia*, para corrigir a afirmação do P.<sup>e</sup> Fidel Fita que qualificara o vocábulo, naquele passo de Prudêncio, como adjectivo e não como substantivo que é.

Da série de palavras relacionadas com o cognome *Vettonianus*, recordamos os *Vettoniana* (ou *Veton.*) *castra* para designar cidades da Vindelícia ou da Nórica (segundo a *Tabula Peutingeriana* — séc. iv d.C.); *Vettones* (ou *Vect.*), etnónimo; *Vettonia* (Prudêncio) e *Vettonianus* (antrop. registado em Tácito, *Anais*, XV, 7).

Regressando ao nosso texto epigráfico, eremos ver no nome de *Quintus Cassius Vettonianus Pacensis* dois *cognomina* que são, afinal, dois étnicos: o primeiro um derivado do topónimo *Vettonia* designativo de região (cf. *Bracarus* em inscrição do Museu de Guimarães); o segundo, de *Pax Julia*, talvez a terra de naturalidade — ou onde, por qualquer forma, se notabilizou Quinto Cássio.

#### IV

##### NÓTULA ACERCA DE UMA INSCRIÇÃO DE TOUREGA OU O ESTUDO DE UM TEXTO EPIGRÁFICO A PARTIR DE FONTES IMPRESSAS E MANUSCRITAS E DO ORIGINAL

Proveniente da freguesia de Nossa Senhora da Tourega, donde teria sido levada, em 1826, da respectiva igreja para o palácio de D. Manuel em Évora, portanto fazendo hoje parte da colecção lapidar do Museu desta cidade, há uma famosa inscrição à qual se referiram diversos autores sem que coincidam as lições apresentadas. Mesmo que do texto se tenham ocupado Mestres que muito respeitamos e cuja memória veneramos, parece-nos que ainda há uma palavra a dizer e a lição carece de um retoque, se bem que em parte mínima.

1. Começemos por Resende: no livro III *de antiquitatibus Lusitaniae*, ao tratar das «vias militares», escreve que na estrada de Salácia para Évora «há uma igreja consagrada à Virgem Santíssima num edificio muito antigo e sempre aberto ao culto. O nome do local é Tourega (continuamos a tradução) de que falei suficientemente num opúsculo que dediquei a (Bartolomeu de) Quevedo, sacerdote de Toledo. Ali se vê uma espécie de mesa de mármore que Calpúmia Sabina mandou colocar sobre a sepultura de seu marido, Quinto Júlio Máximo, na qual foram também depositados os restos mortais de seus dois filhos, curadores das estradas».

Segue-se a inscrição e o texto respectivo com desenvolvimento de abreviaturas:

D. M. S.

Q. IVL. MAXIMO. C. Y. QVAES  
TORI. PROVIN. SICILLIAE. TRIB.  
PLEB. LEG. PROV. NARBONENS.  
GALLIAE PRAET. DESIG. ANNO  
XLVIII. CALPURNIA. SABINA  
MARITO OPTIMO.

Q. IVL. CLARO. C. V. lili. VIRO  
VIARVM CVRANDARVM ANNO  
XXI.

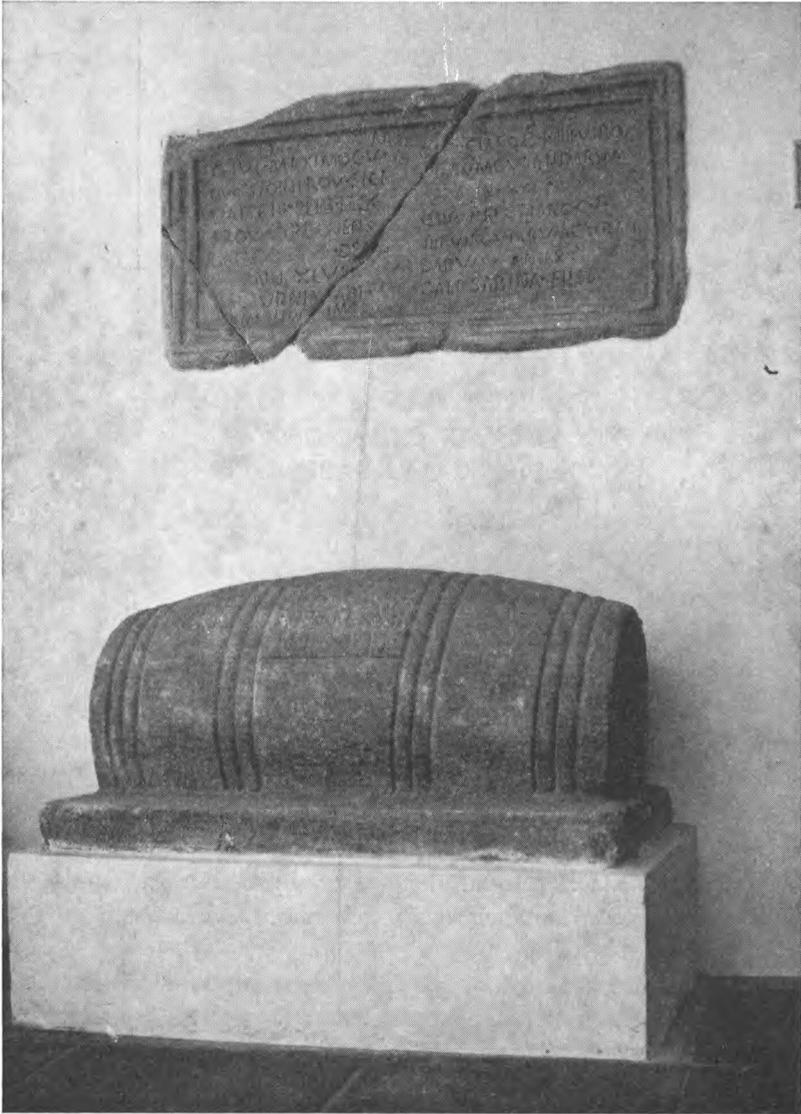
Q. IVL. NEPOTIANO. C. L. lili.  
VIRO VIARVM CVRANDARVM.  
ANNO. XX. CALP. SABINA. FI-  
LIIS.

Hoc est.

*Diis Manibus sacrum. Quinio Julio Maximo, clarissimo viro, Quaestori Provinciae Siciliae, Tribuno Plebis, Legato provinciae Narbonensis, Galliae Praetori designato annorum quadraginta octo. Calpurnia Sabina marito optimo.*

*Quinto Julio Claro clarissimo viro, quartum viro, viarum curandarum annorum viginti unius. Quinto Julio Nepotiano clarissimo juveni quartum viro, viarum curandarum annorum viginti. Calpurnia Sabina filiis.*

2. A mesma inscrição é referida num manuscrito do século xvm (1736), anónimo, de 16 pp., com uma parte consagrada às antiguidades de Tourega, e que pertencia à biblioteca do visconde da Esperança. O manuscrito foi dado a conhecer a Leite de Vasconcelos por A. F. Barata e dele se transcreve a referência ao texto epigráfico de que nos ocupamos, a pp. 131 do vol. IV *d'O Archeologo Português*: «De fronte da porta principal da igreja, debaixo do alpendre, está uma pedra, que dizem se desenterrou neste mesmo sítio; é de marmore, em forma de



sepultura, e bem moldada, com a inscrição em letras romanas ou latinas, e d'ella faz menção o P. M. Resende...»

Não vimos o manuscrito, mas deduzimos que, se contiver o texto, seguirá essencialmente a lição de Resende, como se vê das últimas palavras transcritas.

3. A inscrição vem publicada no CZL, II, 132, da forma seguinte que é leitura directa de HUBner:

D	M	S
Q. IVL. MAXIMO. C. V	Q. IVL. CLARO. C. I. III.	VIRO
QVAESTORI. PROV. SICI	VIARVM. CVRANDARVM	
LIAE. TRIB. PLEB. LEG* <i>ramus</i>	ANN. XXI	
PROV. NARBONENS <i>lauri</i>	Q. IVL. NEPOTIANO. C. I.	
GALLIAE. PRAET. DES	III. VIRO. VIARVM. CVRAN	
ANN. XLVI	DARVM. ANN. XX	
CALPVRNIA. SABI	CALP. SABINA. FILPS	
NA. MARITO. OPTIMO		



Note-se, desde já, que há divergência do texto de Resende nas formas PROV, DES, ANN, XLYI, I, ANN, ANN.

4. Leite de Vasconcelos, no vol. d<sup>o</sup> *Arch*, atrás referido, não só transcreve a leitura de Hübner mas ainda acrescenta uma tradução, «para commodidade dos leitores»:

*Consagração aos deuses Manes.*

- 1) *Calpurnia Sabina* (dedicou este monumento) *ao seu optimo marido, Quinto Julio Maximo, varão muito illustre, questor da provincia da Sicilia, tribuno da plebe, governador da provinda da Gallia Narbonense, pretor eleito* (fallecido) *de 46 annos.*
- 2) *Calpurnia Sabina* (dedicou este monumento) *aos seus filhos Quinto Julio Claro, e Quinto Julio Nepociano, jovens muito illustres, quattuórviros intendentés das estradas* (fallecidos, um) *de 21 (e o outro) de 20 annos.*

5. Em 1903, no *Catalogo do Museu Archeologico da Cidade de Evora*, é a vez de Antonio Francisco Barata transcrever, sob o n.º 107, o texto de Tourega:

D. M. S. / Q. IVL. MAXIMO C. V. / QVESTORI PROV. SICI / LIAE. TRIB. PLEB. LEG / PROV. NARBONENS./ / GALLIAE. PRAET. DES. / ANN. XLVIII. / CALPVR-NIA SABI / NA MARITO OPTIMO.

Q. IVL. CLARO. C. V. DII. VIRO / VIARVM CVRAN-DARVM / ANNO XXI. / Q. IVL. NEPOTIANO. C. I. / /III. VIRO. VIARVM. CVRANDARVM. ANNO. XX./ / CALP. SABINA. FELIIS.

Vê-se, assim, que diverge de Resende nas formas QVESTORI, PROV, DES, ANN, FELIIS; e de Hübner nas seguintes: QVESTORI, XLVIII, I, ANNO, ANNO, FELIIS.

A. F. Barata refere ainda a maneira curiosa como a inscrição chegara ao conhecimento de Resende: «Por ignorancia de um prior d'aquella freguesia, anda ligada à inscrição esta curiosa anedota: um

prior da Tourega, não entendendo bem a inscrição, lia e traduzia *viro viarum curandarum, viario curae curandarum, sive episcopo*, e dava parte ao bispo, o Cardeal D. Afonso de que lá tinha um altar de S. Viario!

Mandou D. Afonso ao Mestre André de Resende para ver o que dizia o prior. Desfeito o Santo, adquiriu Resende o conhecimento da bella inscrição.»

Mais tarde, no vol. IX d'O *Arch.*, p. 46 (Lisboa, 1904), ao apreciar o *Catalogo* elaborado por A. F. Barata, Leite de Vasconcelos dizia, em referência à citada inscrição: «Comparando-se a copia do Sr. Barata com a que tomou Hübner em Evora (vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 112), acham-se diferenças importantes. Como o Sr. Barata não dá indicações críticas nenhuma, não se pode saber quem acertou, e quem errou. O mais natural é que a copia de Hübner esteja bem, pois elle proprio a fez.»

Vê-se como já o saudoso Mestre se preocupava com estas divergências que não esclareceu porque decerto não pôde observar o monumento.

6. Ora, perante tais divergências, quisemos averiguar, se possível, de que lado estaria a razão, não com o desejo de corrigir mas apenas com o prazer de retomar um tema já versado por Mestres cuja memória, repetimos, muito veneramos.

O monumento, fixado hoje numa parede do Museu de Évora, sofreu, como mostram as fotografias últimamente obtidas pelo Senhor Carlos Vitorino de Barros — a quem testemunhamos a nossa gratidão — duas fracturas não recentes, uma das quais prejudica, com certa gravidade, a leitura do texto. No entanto, apresentamo-la tal como nos parece:

D  
Q IVL. MAXIMO C. V.  
QVAESTORI PROV. SICI  
LIAE TRIB. PLEB. LEG\*  
PROV. NARBONENS  
GALLIAE PRAET. DES  
ANN XLVIII  
CALPVRNIA SABI  
NA MARITO OPTIMO

M S  
Q IVL. CLARO C. I. IIII. VIRO  
VIARVM CVRANDARVM  
ANN. XXI  
Q IVL. NEPOTIANO. C. I.  
IIII. VIRO VIARVM CVRAN  
DARVM. ANN XX  
CALP SABINA. FILPS

Ou com desdobramento de abreviaturas:

<p>D(iw) M {anibus)  <i>Q{uinto) Iul(/o) Maximo c(larissimo)  v{iro) quaestori prov{inciae)Sici-  liae trib(uno) pleb(zV) 1 eg{aio)  pro\{inciae) Narbonens(w) Galliae  praet(on) des(ignato) ann(orur)  XLVIII Calpurnia Sabina marito  optimo.</i></p>	<p>S (aerum)  <i>Q(uinto) Iul(/o) Claroc (laris-  simo) i(uveni) quattuorviro  viarum curandarum ann {orum)  XXI.  Q{uinto) Iul(/o) Nepotiano  c {larissimo) \{uveni) quattu-  orviro viarum curandarum an-  n{orum) XX Calp{urnia) Sa-  bina filiis.</i></p>
--	---

Ou em tradução:

«Consagrado aos deuses Manes

Ao insigne varão Quinto Júlio Máximo, questor da província da Sicília, tribuno da plebe, governador da província da Gália Narbonense, pretor eleito, falecido aos 45 anos.

Calpúrnia Sabina ao seu excelso marido.

Ao excepcional jovem Quinto Júlio Claro, quadrúviro, da curadoria das estradas, falecido aos 21 anos.

Ao excepcional jovem Quinto Júlio Nepociano, quadrúviro, da curadoria das estradas, falecido aos vinte anos.

Calpúrnia Sabina aos filhos.»

Vê-se, portanto, que a nossa lição apenas varia da de HUBner na indicação exacta dos pontos de separação de palavras ou abreviaturas (pontos que são afinal *triangula distinguentia*) e no numeral da idade de Quinto Júlio Máximo. São evidentes no mármore as bases de mais dois números que talvez se não distinguissem facilmente quando da leitura por Hübner, mas que não ofereceriam dúvidas no tempo de Resende. Para tal bastava que os fragmentos da lápide não estivessem tão juntos como hoje se vêem no Museu de Évora.

## V

**INTERPRETAÇÃO ERRADA DE UMA INSCRIÇÃO  
DE S. MAMEDE DE INFESTA**

No n.º 2 (Julho de 1955) do *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, publicou o Dr. Bertino Daciano um artigo intitulado *Inventário histórico-arqueológico, artístico e etnográfico do concelho de Matosinhos* no qual se refere a um cipo romano, a chamada «Ara de Júpiter», com inscrição votiva proveniente da «Quinta do Alão», S. Mamede de Infesta, o qual, segundo o autor, teria sido levado para o Museu de Etnografia e Historia do Douro Litoral, no Porto, e registado com o n.º 3921. No mesmo artigo reproduz-se ainda uma fotografia da inscrição, devida a Edgar Ennor, e apresenta-se uma reprodução do texto da mesma, que nos parece correcta:

IO VI  
O. M.  
FLAVS  
RVFI. F (?)  
L. A. V. S.

Apenas dispensaríamos a interrogação na 4.<sup>a</sup> linha depois da letra F que nos parece indiscutível. O mesmo não podemos dizer da leitura que a seguir apresenta o autor (e à qual nos não referiríamos se não tivéssemos visto o mesmo erro em, pelo menos, duas outras publicações: no boletim *Douro Litoral*, n.º IX, 6.<sup>a</sup> série, e a pp. 14-15 da *Monografia de Matosinhos*, por Guilherme Felgueiras, Lisboa, 1958). Eis o desenvolvimento apresentado:

IOVI  
0(ptimus) M(aximus)  
FLAV(v)S  
RVFI F(ilius) (?)  
L(ibenti) A(nimo) V(otum) S(olvit).

É evidente que o texto contém três erros nítidos: *Optimus* em vez de *Optimo*; *Maximus* em vez de *Maximo*; *Libenti* em vez de *Libens* ou *Lubens*, sendo muito mais frequente a primeira. Assim:

Iovi *O(ptimo)* M(aximo) Flav(w)s Rufi f(ilius)  
 1 (*ibens*) ã(*nimo*) v(*otum*) s(*olvit*).



Também nos não satisfaz a tradução que se apresenta:  
 «Ao óptimo e grande Júpiter, Flavo, filho (?) de Rufo,  
 de boa vontade cumpriu (este) voto.»

E não nos satisfaz porque não vemos traduzidos com o relevo suficiente os epítetos de Júpiter *Optimus* e *Maximus*.

Preferimos:

«Flavo, filho de Rufo, de boa mente cumpriu a  
 Júpiter Óptimo, Máximo o voto que fizera.»

Por certo que não passou despercebida na 4.<sup>a</sup> linha a forma FLAVS que parece encerrar um nexu W que não é desconhecido (v. *CIL*, II, p. 1083).

Recorda-nos, a propósito, uma inscrição em belos caracteres da 1.<sup>a</sup> metade do século i d.C., que vimos no terreiro da igreja de Cadafais, aliás já estudada pelo nosso saudoso Amigo Dr. Aurélio Ricardo Belo, e que reproduzimos numa fotografia que nos foi cedida pelo Senhor Fernando de Almeida. Sempre pensámos que a forma PRIMITIVS da 3.<sup>a</sup> linha reproduz o cognome PRIMITIVVS, se bem que conheçamos uma abonação para *primitius* mas como adjectivo em Ovídio, *Metamorfoses*, XII, 329.

Creio que a forma FLAVS=FLAVVS se pode equiparar a PRIMITIVS =PRIMITIVVS.

## VI

### ACERCA DE UMA LEGENDA NUM MOSAICO DA CHAMADA «VILA DE CARDÍLIO»

1. São já por demais conhecidos os mosaicos há anos descobertos perto de Torres Novas e últimamente estudados por alguns investigadores após a revelação de novos elementos de incontestável valor arqueológico. Temos noticia dos diferentes trabalhos ou comunicações apresentados, sendo talvez o mais recente o que a revista LVCERNA, cadernos de Arqueologia do Centro de Estudos Humanísticos (anexo à Universidade do Porto), divulgou a pp. 224-248 do seu vol. IV (Porto, 1965), ou seja, a comunicação que o Sr. Tenente-Coronel Afonso do Paço apresentou ao III Colóquio Portuense de Arqueologia: *Mosaicos da Vila de Cardílio*.

Este estudo, que é acompanhado de magnífica documentação fotográfica, sugere-nos uma reflexão acerca da legenda latina contida no mosaico que o autor denomina *G* :

V I V E N T E S  
C A R D I L I V M  
E T A V I T A M  
F E L I X T V R R E

O autor da comunicação apresenta-nos duas interpretações desta legenda: a primeira, do Prof. García y Bellido:

«A torre será feliz enquanto viverem Cardílio e Avila (*sic*)»;  
e urna segunda que indica como «opinião de outros»:

«Félix de Turre fez os mosaicos para Cardílio e A vita que ali viviam.»



Antes de prosseguir, convém dizer que não vamos apresentar melhor interpretação; somente não nos quedamos perante duas traduções tão diversas e pensamos que alguma coisa não está bem o que nos leva a rever o problema sem que, antecipadamente, possamos afirmar que desta revisão algo de positivo resulte.

Acresce que nenhuma das interpretações respeita as normas da sintaxe latina, o que talvez tenhamos de admitir e atribuir à ignorância do mosaicista, aliada ao carácter tardio do texto.

2. Admitamos, antes de mais, que o texto está completo. A palavra *viventes* preenche a 1.<sup>a</sup> linha: é o participio presente do verbo *vivere*, no nominativo ou acusativo do plural; a sua tradução deverá ser *que vivem, os quais vivem* ou simplesmente *vivendo*.

Na 2.<sup>a</sup> linha aparece um vocábulo que tudo indica tratar-se de um antroponímico. As formas que vêm na linha seguinte, indicam um acusativo do singular. Assim, teríamos em *Cardilium* o acusativo do singular de um nome da 2.<sup>a</sup> declinação a que corresponderá o nominativo *Cardilius*, com a tradução portuguesa «Cardílio». Antes de prosseguir, convém dizer que não encontramos tal nome registado nos léxicos que consultámos.

A terceira linha parece ser preenchida por duas palavras das quais a primeira é a conjunção copulativa *et* e a segunda uma forma de nome feminino da 1.<sup>a</sup> declinação, indubitavelmente no acusativo do singular. O nome *Avita* que se lê nesta 3.<sup>a</sup> linha, suficientemente documentado em inscrições, não o encontramos registado em certos léxicos, mas para o masculino *Avitus* já se encontra abundante documentação e abonação lexical e epigráfica. A correspondência portuguesa será «Avita».

Por fim, na 4.<sup>a</sup> linha, parece haver dois vocábulos: *felix* e *turre*. O primeiro só poderá ser uma forma de nominativo ou acusativo do singular do adjectivo *felix*, *-cis*, ou ainda o nominativo do singular do antroponímico *Felix*; quanto ao segundo, parece à primeira vista tratar-se de forma do ablativo do singular do substantivo da 3.<sup>a</sup> declinação *turris*, *-is*, o qual, além do significado mais corrente de *torre*, pode ainda entrar na designação de topónimos, como *Turris Stratonis* em Plínio, v, 69, ou significar em português um edifício apalaçado ou de certa sumptuosidade, ou ainda *vila* (no sentido latino), como é talvez o caso do nosso mosaico e são ao certo os exemplos de Tibulo, I, 7, 19, e de Horácio, *Odes*, 1, 4, 14, já registados em Gaffiot.

Portanto, e em sentido lato, as palavras do nosso mosaico parecem indicar que naquela morada (seja vila, palácio ou torre) viviam em felicidade ou faziam votos por que vivessem em felicidade duas personagens, Cardílio e Avita, com grande probabilidade marido e mulher. Esta interpretação parece não suscitar fortes dúvidas, assim ela se pudesse ajustar à sintaxe do texto. É o que veremos a seguir, mas antes detenhamo-nos na apreciação das traduções que já foram apresentadas e que são do nosso conhecimento. Encontram-se estas,

como dissemos, na comunicação do Senhor Tenente-Coronel Afonso do Paço a que nos referimos no início deste estudo. A primeira é atribuída ao Prof. García y Bellido e diz assim:

«A torre será feliz enquanto viverem Cardílio e Avita.»

Veremos como se justifica tal tradução e que exige um texto latino mais ou menos assim: «Viventes Cardilius et Avita felix turre erit.» (se nos não quisermos afastar muito da letra do texto).

Antes de mais, o tradutor atribui ao participio presente VIVENTES um valor temporal, portanto equivalente a uma proposição subordinada, o que está absolutamente certo; mas já não justifica as formas de acusativo *Cardilium* e *Avitam*. Por outro lado, considera TVRRE igual a TVRRIS, o que também não seria difícil a partir de uma forma TVRRES e dado o carácter tardio do texto. Pressupõe também a forma *erit* subentendida, o que é comum.

Uma segunda tradução, atribuída a «outros», diz assim:

«Félix de Turre fez os mosaicos para Cardílio e Avita que ali viviam.»

Esta tradução, que poderá parecer estranha, tem no entanto o seu fundamento. Corresponde a um texto latino talvez assim: «Viventes Cardilius et Avita. Ex officina Felicis a Turre.»

Os que assim pensam, creio eu terão presente certas legendas de mosaicos como esta que se lê em Alberto del Castillo, *Ampurias*, I, Barcelona, 1939, pp. 251 e 259, transcrita por Batlle Huguet, p. 242:

«Salvo / Vitale felix Turrissa  
ex of / ficina Felices».

Nós desejaríamos apresentar uma tradução mais simples mas que não se desviasse da forma dos vocábulos senão até onde é possível. Propomos:

«Cardílio e Avita vivam felizes nesta vila.»

Entendemos que o participio encerra um valor de optativo tal como se fosse *utinam vivant* ou simplesmente *vivant*; como os antropó-

nimos dependem de *viventes*, o mosaísta, por erro, fez deles como que objecto directo do verbo, mas já conservou o nominativo em *felix* palavra que, embora se refira às duas pessoas, apenas qualifica morfologicamente o nome mais próximo (*Avita*). TVRRE é um ablativo de lugar, vulgar e equivalente a *in turre*. De construção semelhante — *hoc monumento* por *in hoc monumento* — dizia Leite de Vasconcelos (O *Arch. Port.*, IX, 277) «que, se não é latim ciceroniano, também não é latim incorrecto».

Não desconheço que outras interpretações são possíveis (e teriam sido até já apresentadas), mas aqui deve prevalecer um critério que atenda à *facilidade*, à ignorância do mosaicista e também a exemplos anteriores.

\* \* \*

3. Como disse, esta nota foi sugerida pela leitura do artigo de Afonso do Paço incluído no vol. IV de LVCERNA referido.

Devo completá-la com a transcrição de passos de outros trabalhos sobre o assunto, sendo desnecessário esclarecer que da matéria apenas me ocupa a interpretação da legenda latina em causa.

Para Afonso do Paço (cf. *Vila Cardílio — Estação Romana de Torres Novas* in «Nova Augusta», Torres Novas, 1963, p. 74):

«Sobre a sua tradução divergem os epigrafistas.

Conforme carta recebida de Bonn, de 27 de Maio, FELIX seria o nome do artista que executou a obra.

Um mosaicista FELIX aparece na legenda de um mosaico peninsular de Gerona.

CARDILIVM será o nome do proprietário da «vila» cujas ruínas estão a ser reconhecidas, e AVITAM o de sua mulher, indubitavelmente uma ilustre matrona.

TURRE (*sic*) seria o cognome do mosaicista e assim teríamos:

FELIX de TURRE fez estes mosaicos para CARDÍLIO e AVITA que ali viviam ou habitavam.

É certo, dizem ainda os epigrafistas, que VIVENTES poderia estar por VIVAS ou FELICITER, e nesse caso teríamos:

FELIX de TURRE fez os mosaicos em homenagem a CARDÍLIO e AVITA.»

Na mesma revista se transcrevem, a pp. 102-106, um resumo da comunicação apresentada à Academia das Ciências de Lisboa pelo Prof. Scarlat Lambrino, em Junho de 1963 e sob este tema, e um artigo do Dr. João Couto publicado no semanário «O Almonda», em Agosto do mesmo ano.

Só o primeiro trata do texto latino:

«Com efeito a inscrição reza em latim:

VIVENTES  
CARDILIVM  
ETAVITAM  
FELIXTVRRE

o que quer dizer que uma pessoa, chamada Félix, fez o retrato de Cardílio e de Avita, em vida, na localidade chamada Turrís.»

Mais tarde, novo artigo de Afonso do Paço em *Estudos Italianos em Portugal* (n.º 23, Lisboa, 1964, p. 173):

«Gli epigrafisti non sono d'accordo sulla interpretazione.

Per alcuni, Felix de Turre sarebbe l'artista che esegui i mosaici per Cardilio e Avita che vivevano li.

Oppure: Felix de Turre fece i mosaici in omaggio a Cardilio e Avita.

Per il prof. Scarlat Lambrino: «...una persona chiamata Felix fece il ritratto di Cardilio e Avita, viventi, nel luogo chiamato Turrís».

A sua volta il prof. Garcia y Bellido propone una lettura più semplice:

«La Torre sarà felice finché vivranno li Cardilio e Avita».

Portanto, a nossa interpretação é mais uma a juntar às demais.

#### ADITAMENTO À INSCRIÇÃO DO MOSAICO DE CARDÍLIO

Apresentámos em sessão da Sociedade de Geografia de Lisboa uma comunicação na qual demos nova tradução à legenda do mosaico de Cardílio e Avita.

As principais inovações que trouxemos são:

1.<sup>a</sup> — Consideramos que há em toda a frase um voto expresso, embora de forma não muito usual, de «vida feliz» para os proprietários da «vila»;

2.<sup>a</sup> — Não vemos na palavra *felix* nem a parte de um antropónimo (neste caso o nome do mosaísta), nem um topónimo (nome do local da «vila»). Para nós, é simplesmente um adjectivo qualificativo dos antropónimos, embora no aspecto sintáctico só concorde com o mais próximo (*Avita*).

Acabamos de receber o vol. III (nova série) d 'O *Arq. Por.*, e vemos, a p. 263, que o Prof. Manuel Heleno apresentou no «Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia» uma comunicação intitulada: *O Tesouro da Borrallheira (Teixoso): Notícia do achado e das circunstâncias em que se realizou*.

Entre os materiais relacionados, fala-se de um anel «com a saudação *Utere felix*».

É evidente que não se trata de saudação. Nós vemos nesta frase a expressão de um quase voto, como se se desejasse que o proprietário do anel o usasse e fosse feliz enquanto o usasse. Aqui o adjectivo *felix* é qualificativo de *tu* (subentendido). Consideramos este exemplo como abonação do que dissemos a propósito do mosaico de Cardílio. Os materiais são do século m.

#### AINDA A LEGENDA DO MOSAICO DE CARDÍLIO

Quando apresentei o meu trabalho com uma interpretação diferente da legenda do mosaico da chamada «vila de Cardílio» (na Sociedade de Geografia, em sessão da Secção de Arqueologia), produziram-se aqui comentários e considerações do maior interesse e que me levaram a reflectir uma vez mais sobre o tema, especialmente os proferidos pelo Dr. Bandeira Ferreira.

O que então foi sugerido, se não vem alterar a tradução que dei, vem pelo menos ampliá-la, e, talvez, esclarecê-la. Tudo anda à volta da palavra TVRRE.

Eu tinha interpretado o vocábulo como um ablativo de lugar, com um significado quase equivalente ao de «vila» no sentido romano. Indiquei, para isso, alguns exemplos latinos.

Mas houve quem objectasse se TVRRE não seria antes um topónimo, talvez mesmo de origem pré-romana.

Dado que se trata de um vocábulo tão usado na língua latina, não creio que assim seja em relação à legenda em estudo. Mas não

me custa aceitar que se trate efectivamente de um topónimo latino, designativo do local onde a «vila» fora construída. O que assim me leva a pensar é a larga sobrevivência da palavra em topónimos portugueses.

Deste modo, talvez a inscrição de que nos ocupámos possa ter um sentido mais amplo:

«[Que] Cardílio e Avita vivam feliz [es] na [sua vila da] Torre.»

**JUSTINO MENDES DE ALMEIDA**